



VERÔNICA TOSTE DAFLON
LUNA RIBEIRO CAMPOS
Org.

PIONEIRAS *da* SOCIOLOGIA

MULHERES INTELLECTUAIS NOS
SÉCULOS XVIII E XIX

PIONEIRAS *da* **SOCIOLOGIA**

PIONEIRAS *da* SOCIOLOGIA

MULHERES INTELLECTUAIS NOS
SÉCULOS XVIII E XIX

Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

VERÔNICA TOSTE DAFLON
LUNA RIBEIRO CAMPOS
Org.



Copyright © 2022 by Verônica Toste Daflon e Luna Ribeiro Campos
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Editor responsável: Renato Franco
Coordenador de produção: Ricardo Borges
Supervisão gráfica: Marcio Oliveira
Normalização: Camilla Almeida
Revisão: Sonia de Onofre
Projeto gráfico e diagramação: Marcio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

P662 Pioneiras da sociologia [recurso eletrônico] : mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX / organizado por Verônica Toste Daflon e Luna Ribeiro Campos. – Niterói : Eduff, 2022. – xx kb. ; ePUB. – (Coleção Biblioteca Básica).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-135-5

BISAC SOC026000 SOCIAL SCIENCE / Sociology / General

1. Sociologia. 2. Feminismo. I. Daflon, Verônica Toste. II. Campos, Luna Ribeiro. III. Título. IV. Série.

CDD 305.4

Ficha catalográfica elaborada por Camilla Castro de Almeida CRB7-0041/21

Direitos desta edição reservados à
Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ
CEP 24220-008 - Brasil
Tel.: +55 21 2629-5287
www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	15
Introdução	17
Verônica Toste Daflon e Luna Ribeiro Campos	
Capítulo 1: Olympe de Gouges	39
Raquel Simas	
Capítulo 2: Mary Wollstonecraft	53
Eliana Debia e Verônica Toste Daflon	
Capítulo 3: Sojourner Truth	67
Maria Abreu	
Capítulo 4: Harriet Martineau	75
Luna Ribeiro Campos e Verônica Toste Daflon	
Capítulo 5: Flora Tristan	95
Luna Ribeiro Campos	
Capítulo 6: Harriet Taylor Mill	111
Hildete Pereira de Melo e Lucilene Morandi	
Capítulo 7: Juana Manuela Gorriti	125
Carolina Castellitti	

Capítulo 8: Maria Firmina dos Reis Luciana Diogo	137
Capítulo 9: Olive Schreiner Raquel Gryszczenko Alves Gomes	149
Capítulo 10: Anna Julia Cooper Cátia Cristina Bocaiúva Maringolo	161
Capítulo 11: Beatrice Potter Webb Eliana Debia	177
Capítulo 12: Josephina Álvares de Azevedo Laila Thaís Correa e Silva	191
Capítulo 13: Pandita Ramabai Verônica Toste Daflon	203
Capítulo 14: Ida B. Wells Cinthia Marques Santos	221
Capítulo 15: Marianne Weber Giulle Vieira	237
Capítulo 16: Alexandra Kollontai Anna Bárbara Araújo	257
Sobre as autoras	271

Prefácio

Raquel Andrade Weiss

Há alguns anos, talvez este livro tivesse passado despercebido a meus olhos. Caso o visse na prateleira de alguma livraria, hesitaria antes de tomá-lo nas mãos, por considerá-lo apenas mais um “tema da moda”, sem implicações diretas para meu campo de predileção, a teoria social.

Há cerca de dez anos, comecei a ministrar a disciplina de Sociologia 2, dedicando todo esforço possível para transmitir, de forma rigorosa, atualizada e criativa, a herança da Sociologia clássica. Minha expectativa era a de fazer com que a turma experimentasse a mesma inspiração que eu sentia pelos textos de Marx, Durkheim e Weber. Causou-me desconfortável surpresa quando, durante a apresentação de um seminário, uma aluna questionou a ausência de mulheres naquele currículo. Pela primeira vez, via-me confrontada com a crítica ao cânone clássico constituído por “homens brancos mortos”. Nunca mais a vi pelos corredores da faculdade, mas ainda recordo bem de seu nome, da indignação de sua voz, da convicção em seus olhos.

Minha resposta veio com um misto de constrangimento e certeza titubeante: mas é um curso de Sociologia Clássica! Essa é a história da Sociologia... se não havia mulheres fazendo sociologia nesse momento fundacional, como poderia colocá-las no currículo?

Tal episódio produziu um movimento cujos efeitos ainda não cessaram de desdobrar-se. O movimento reflexivo de minhas práticas como docente e pesquisa-

Capítulo 11

Beatrice Potter Webb¹

Eliana Debia

A vida

Beatrice Potter Webb nasceu em Standish House, uma pequena cidade perto de Gloucester, Inglaterra, em 2 de janeiro de 1858. Era a oitava de nove filhas mulheres,² e foi criada no seio de uma família que ela mesma descrevia como “[...] uma típica família produto do desenvolvimento industrial do século XIX [...]” (POTTER WEBB, 1926, p. 2). Seus avôs paterno e materno, Richard Potter e Lawrence Heyworth, se dedicavam, respectivamente, ao comércio transatlântico com a América do Sul e ao armazenamento de algodão em Manchester. Ambos os empresários integraram o Parlamento e foram membros ativos da Liga contra a Lei de Cereais (*Anti-Corn Law League*).

Seu pai, Richard, foi um empresário de sucesso da indústria ferroviária, que durante vários anos foi o presidente de duas grandes empresas ferroviárias, a *Gre-*

¹ Texto traduzido por Vitória Gonzalez Rodriguez. E-mail: vitoria.grodriguez@gmail.com.

² Quando ela tinha apenas quatro anos de idade, nasceu o filho homem que seus pais tanto desejavam e esperavam, mas faleceu dois anos depois, afundando sua mãe na angústia e deixando Beatrice e sua nona irmã aos cuidados de sua babá, Dada.

at *Western Railway*, da Inglaterra e a *Grand Trunk Railway*, do Canadá. Sua mãe, Laurencina Heyworth, mulher de grande intelecto, organizava, na casa da família, tertúlias que eram frequentadas habitualmente por intelectuais reconhecidos da época, como o filósofo social Herbert Spencer³ (1820-1903). Esses encontros foram de suma relevância para a formação intelectual da própria Beatrice, como ela mesma admitiu posteriormente.

A relação que mantinha com seu pai desempenhou um papel central nesse desenvolvimento intelectual. Em sua autobiografia *My Apprenticeship*, ela o descreve como o centro da vida familiar, como “a luz e o calor do lar”, e acrescenta que “[...] foi o único homem que conheci que genuinamente acreditava que as mulheres eram superiores aos homens, e agia como se fossem” (POTTER WEBB, 1926, p. 10). Seu relato destaca o fato de que seu pai falava com ela e suas irmãs como iguais e confiava a elas todos os seus projetos. Assim como também destaca a transmissão de sua paixão por poesia, filosofia, literatura, e a discussão sobre todo tipo de assuntos, desde religião até sexualidade, em um ambiente de liberdade e franqueza. Como veremos, essa experiência paterna marcou a percepção que ela tinha sobre o saber e o conhecimento e que, mais adiante, teria a respeito do seu próprio trabalho.

Essa educação pouco convencional não contava com a aprovação de sua mãe. No entanto, sua relação com ela teve grande influência quando Beatrice era uma jovem adulta, pois ela foi a última das filhas a deixar a casa da família.⁴ Tornar-se mais próxima de sua mãe permitiu-lhe conhecê-la melhor e descobrir que ambas tinham muito em comum. Esse vínculo materno permitiu que ela compreendesse qual era o tipo de vida que ela queria para si mesma. Seu maior desejo não girava em torno de casar-se, tampouco de levar adiante o negócio familiar – mesmo tendo trabalhado nas empresas de seu pai durante vários anos –, senão de escrever e publicar (POTTER WEBB, 1926).

Em 1883, ela se uniu à *Charity Organization Society* para ajudar os mais pobres. No verão inglês daquele ano, conheceu Joseph Chamberlain – político liberal viúvo

de 47 anos –, por quem se apaixonou perdidamente. No entanto, o relacionamento se desfez no ano seguinte, antes que o casamento fosse concretizado, porque Chamberlain queria uma esposa dócil. Beatrice percebeu que um casamento com ele não permitiria seguir com seus estudos e seu trabalho (NORD, 1985).

Durante 1885, se encarregou da administração de *Katherine Buildings*, apartamentos de baixo custo e com pouca infraestrutura no leste de Londres, onde as pessoas viviam em situação de pobreza (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019). No mesmo ano, seu pai sofreu um derrame cerebral, e ela teve que se encarregar de seus cuidados. No outono inglês de 1886, ela visitou pela primeira vez uma fábrica em Bacup, Lancashire, ao lado de Martha Jackson, que havia sido sua babá, e deu seus primeiros passos como pesquisadora social, fazendo uso da observação participante para conhecer a vida da classe operária. Lá observou que esta se baseava em laços de comunidade e cooperação, combinada com um espírito religioso (NORD, 1985; LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019).

Embora Beatrice tenha sido autodidata na investigação social, por volta de 1887 decidiu trabalhar sob a direção de seu primo, o pesquisador e reformador social Charles Booth (1840-1916). Ele estava fazendo um importante estudo empírico que combinava métodos quantitativos e qualitativos para conhecer as condições da classe operária em Londres, intitulado *The Life and Labour of the People of London* (1892-1902) (NORD, 1985). No marco desse projeto, Beatrice se dedicou a analisar as condições de trabalho nas docas do East End, a imigração judaica e a exploração laboral em oficinas têxteis. Seus trabalhos foram publicados na revista *Nineteenth Century*⁵ e tiveram certa repercussão, pela qual foi convocada para dar sua opinião na Câmara dos Lordes (RAMOS GOROSTIZA, 2001; CASTILLO, 2001).

Finalmente, em 1890, conheceu pessoalmente Sidney Webb (1859-1947), de quem havia lido o livro *Ensaio do Socialismo Fabiano*. Sidney se apaixonou por ela e, embora tenha sido rejeitado durante dois anos, ficaram noivos e casaram-se em julho de 1892, após o falecimento do pai de Beatrice. Eles passaram sua lua de mel fazendo pesquisa em Dublin e Belfast e participando do Congresso Sindical em Glasgow, onde entrevistaram secretários sindicais e à procura de documentos sindicais (CASTILLO, 1999). A partir daquele momento, começaram uma sociedade intelectual que durou

3 Herbert Spencer era um velho amigo da família Potter e foi um dos referenciais teóricos de Beatrice. Após se tornar socialista, ela se distanciou teoricamente de Spencer, mas sua amizade e afeição pessoal por ele permaneceram intactas (POTTER WEBB, 1926; NORD, 1985).

4 Lembremos que a falta de afeto e carinho por parte de Laurencina separou Beatrice de sua mãe durante a infância. Essa situação de solidão fez com que, durante a adolescência, padecesse doenças e tivesse ansiedade, depressão e, inclusive, ideias suicidas. Essas crises de saúde foram superadas por Beatrice por meio das viagens que realizava com seu pai aos Estados Unidos ou com suas irmãs pela Itália. Estudar diferentes religiões e manter um diário pessoal também foram úteis (NORD, 1985).

5 Nós nos referimos a *The Dock Life of East London*, de 1887, e a *Pages from a Working Girl's Diary*, de 1888.

até a morte de Beatrice. Após seu casamento, rapidamente se juntou à *Sociedade Fabiana*,⁶ razão pela qual, tanto seu primo Charles Booth, quanto seu amigo Herbert Spencer romperam relações com ela.⁷ Segundo Nord (1985), sua autobiografia *My Apprenticeship* relata a busca por sua verdadeira vocação e suas crises pessoais no contexto da moral vitoriana, que resultaram em seu compromisso com o trabalho de pesquisa social e em sua conversão ao socialismo.

Nas palavras de Marianne Weber, outra das autoras clássicas da Sociologia, podemos resumir os pontos mais importantes da vida de Beatrice da seguinte forma:

Desde jovem [Beatrice] frequentou ambientes operários e se interessou pelo movimento cooperativista. Participou, como assistente social, em organizações beneficentes e, posteriormente, em estudos sobre os operários das cidades industriais inglesas: em 1891, publicou *The Co-operative Movement in Great Britain*. Como membro da *Royal Commission on the Poor Laws*, entre 1905 e 1909, redigiu um excelente relatório que solicitava a criação de um sistema de seguridade social universal. Com o seu marido, Sydney J. Webb, participou na *Fabian Society*, de tendência socialista, e juntos escreveram, entre outros livros, *The History of Trade Unionism* (1894), *Industrial Democracy* (1897) e *Soviet Communism: A New Civilisation?* (1935); juntos, também participaram da fundação da *London School of Economics* e do jornal independente *New Statesman* (WEBER, 2007, p. 74).

Beatrice morreu em Passfield Corner, Surrey, Inglaterra, em 30 de abril de 1943, aos 85 anos. Seu esposo Sidney faleceu quatro anos depois e ambos foram enterrados no jardim de sua casa. Em 1948, foi publicada, postumamente, a biografia realizada por Beatrice sobre a vidas dos dois, intitulada *Our Partnership*.

A obra

Como dito anteriormente, Beatrice iniciou sua formação como cientista social de maneira autodidata e, posteriormente, decidiu ingressar na equipe de pesquisa de

Charles Booth. Sua produção escrita começou a ser publicada em algumas revistas importantes da época, como *Nineteenth Century*, por meio das quais apresentava os principais resultados obtidos em suas indagações sobre as condições de vida e de trabalho da classe operária em Londres.

Nesse primeiro período de sua produção intelectual, que abrange de 1883 até 1892, encontramos quatro artigos que refletem o trabalho realizado sobre o leste de Londres no âmbito do projeto dirigido por Booth: *A Lady's View of the Unemployed at the East* (1887), publicado em *Pall Mall Gazette*; *The Dock Life of East London* (1888); *Pages from a Working Girl's Diary* (1888) e *East London Labour* (1888). Como consequência dessas primeiras publicações, Beatrice ganhou certa reputação no âmbito da pesquisa social. Seu trabalho sobre as mulheres operárias em oficinas têxteis foi muito bem recebido, e ela passou a ser considerada uma especialista no trabalho feminino (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019).

Vale a pena nos determos no artigo *Pages from a Working Girl's Diary* (1888),⁸ no qual a autora utiliza a técnica de observação participante como método de pesquisa social. Esse artigo é o produto de suas notas de campo sobre as observações que fez em oficinas têxteis nas quais trabalhavam, majoritariamente, costureiras de baixa qualificação. O relato, de tom etnográfico, possui uma riqueza incomparável. Beatrice se vestiu como uma jovem operária e saiu em busca de um emprego como costureira pelas ruas do bairro judeu East End em Londres. Suas descrições sobre a lama nas ruas, os cheiros desagradáveis, as roupas puídas das pessoas e seus corpos cansados e pálidos fazem lembrar, em alguns momentos, tanto o livro de Flora Tristan, *Passeios em Londres* (1840), quanto o de Friedrich Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845). De forma detalhada, relata o processo malsucedido de busca de emprego durante um dia inteiro, o esgotamento de vagar pelas ruas e, diante da recusa em cada oficina, pergunta a si mesma:

[...] Será porque estamos no meio da semana, ou porque pensam que não sou uma trabalhadora de verdade? me pergunto. E, na fachada seguinte, olho nervosamente para o reflexo da minha pessoa e me assusto com meu aspecto totalmente desolador: *pobre o suficiente para ser explorada por qualquer patrão* (POTTER WEBB, 2001, p. 190, grifo nosso).

8 Esse texto foi republicado em 1898 sob o título *Diário de uma Pesquisadora* e incluído no livro *Problems of Modern Industry*, que escreveu com Sidney Webb.

6 A *Sociedade Fabiana*, formada em 1884, era um grupo de jovens pensadores de classe média que questionava o liberalismo e o cristianismo como um modo de vida. Influenciados pelas ideias de Robert Owen (1771-1858), eles defenderam o socialismo como uma forma de fé e estudaram a teoria econômica abstrata. Entenderam que a base econômica era importante para alcançar a igualdade social, mas sem propor a revolução, apontando como caminho a democracia e o parlamentarismo (NORD, 1985).

7 Por causa de sua amizade e relacionamento intelectual, Beatrice foi uma espécie de discípula de Spencer e, portanto, ele a nomeou como sua executora intelectual para cuidar de seu legado quando ele morreu. Mas quando ela se casou com Webb e se converteu ao socialismo, ele revogou a nomeação. Spencer tinha uma visão individualista da ordem social, não aceitava interferência estatal ou coletiva, como sindicatos ou outras formas de cooperação (CASTILLO, 1999). Beatrice pensava o oposto - daí a ruptura unilateral de Spencer com ela.

Webb conseguiu trabalho na última oficina de roupa barata, na qual cerca de 35 mulheres, malvestidas e amontoadas, trabalhavam lado a lado para terminar de coser calças. Havia apenas dois homens, encarregados de passar a ferro. A família proprietária da oficina morava ali mesmo, em um ambiente separado. Quando relatou seu primeiro dia de trabalho, o primeiro entrave com o qual se deparou, para sua surpresa, foi a ausência de ferramentas de trabalho. A senhora que trabalhava ao seu lado explicou: “[...] Tens que trazer as ferramentas; não nos dão aqui; mas eu te empresto para que saias do caminho [...]” (POTTER WEBB, 2001, p. 192). O segundo obstáculo foi o medo de perder o emprego. Depois de uma semana, não conseguiu fazer seu trabalho direito e quase foi demitida. Nessa passagem pode-se perceber a angústia que a invadiu diante da reprimenda pelo trabalho mal-executado e da ameaça de demissão, entrelaçando-se a pesquisadora e a operária:

É sexta-feira de manhã e me sinto desesperadamente cansada. Espremida entre minhas duas vizinhas, com a vestimenta mal feita no meu joelho, toda a jornada laboral à minha frente, sinto-me como uma jovem trabalhadora à beira da desgraça. [...] [isto] se deve ao excesso de fadiga, ou porque realizei perfeitamente meu papel de jovem trabalhadora desafortunada? Um enorme nó cresce na garganta e meus olhos se enchem de lágrimas. Silêncio sepulcral. As ajudantes mais jovens me olham de seu posto com compreensão (POTTER WEBB, 2001, p. 197-198).

Nos trechos a seguir, aparecem alguns elementos centrais que chamam a atenção de Webb para as condições de vida e de trabalho dessas trabalhadoras. Podemos resumi-los assim: os baixos salários por peça de roupa acabada – paga-se o mesmo pela peça para exportação e para venda no varejo; a grande diferença salarial entre homens e mulheres – os homens passadores de ferro ganhavam cinco xelins⁹ por dia, enquanto as mulheres recebiam apenas um xelim diário:

Em seus olhos cinzentos há uma expressão de cansaço intenso, cansaço do corpo e da alma. Passam-lhe outro par e volta ao trabalho. É uma trabalhadora eficiente; mas por muito que trabalhe, não pode ganhar muito mais do que um xelim por dia porque tem que pagar pelas ferramentas [...] (POTTER WEBB, 2001, p. 201).

Além disso, Webb descreve a superlotação e o desgaste físico e mental das operárias – elas trabalhavam grudadas umas ao lado das outras; e, finalmente, a discriminação entre as próprias operárias: as “solteiras” e as “respeitáveis”. Aquelas

que, casadas, o faziam para ganhar um extra quando seus maridos tinham um emprego permanente, ou para cobrir os salários deles em épocas de desemprego, costumavam acusar as outras de trabalhar ali para se entregar ao amor “promíscuo” e aos “vícios” em seu tempo livre:

“Eu não escolho manter uma conversa com pessoas como ela”, diz a Sra. Long, franzindo seus lábios finos, como pondo fim a esta conversa indesejável: “como se eu tivesse que trabalhar para viver! Meu marido tem um emprego estável; só trabalho para os extras, e apenas poucas vezes, que costuma ser um mês por ano, em que há pouca atividade na construção”. Isso cala definitivamente a mulher dos subúrbios. Seu marido, ai dela!, chega em casa bêbado todas as noites e gasta os centavos que ganha de vez em quando ficando à toa nos bares (a Sra. Long me informa depois). Tem uma filha pouco graciosa ao seu lado, com um olho roxo e a cara inchada (POTTER WEBB, 2001, p. 194).

Esses interessantes fragmentos advertem para a existência do que hoje denominamos violência doméstica, já que uma de suas colegas, cujo marido era alcoólatra, sempre aparecia para trabalhar com um olho roxo. Webb problematiza a questão da moralidade das trabalhadoras mais jovens, que nas suas horas vagas se entregam aos “vícios”, à bebida e ao amor “promíscuo”, mas também relata suas histórias de vida e como começaram a fazer esse trabalho não qualificado. Um elemento constante perpassa todo o relato: o contraste de classe entre essas jovens operárias com as filhas da patroa judia, sempre luxuosamente vestidas, alegres e bem alimentadas.

Precisamente por essas análises, Potter Webb foi, de alguma forma, classificada como uma pesquisadora em assuntos das mulheres e, por isso, tanto Booth, quanto Alfred Marshall (1842-1924) desencorajaram seus estudos posteriores sobre o cooperativismo. Em parte, isso explicaria por que Beatrice assinou, em 1889, uma petição antissufragio que lhe rendeu o descrédito como socióloga em questão de mulheres.¹⁰ Assim, como vimos, seus interesses acadêmicos estavam situados nos processos de cooperação entre os operários de fábrica e as lojas de consumo que eles estabeleciam entre si. A experiência que havia tido em suas observações no Bacup havia despertado seu interesse pelo tema.

9 Moeda que, até início de 1971, representava a vigésima parte da libra esterlina britânica. Um xelim por dia é aproximadamente o que se pagava pelo trabalho feminino não qualificado.

10 Em 1906, ela se pronunciou a favor do sufrágio feminino, que foi aprovado na Grã-Bretanha em 1918. Para aprofundar-se sobre a relação de Beatrice Potter Webb com o feminismo, ver o texto de Nyland (1995).

O resultado dessa pesquisa foi a publicação de *The Co-operative Movement in Great Britain* (1891), que se converteu em sua obra mais importante e em uma das mais influentes da época,¹¹ motivo pelo qual finalmente obteve maior reconhecimento. Nesse livro, ela analisou as lojas cooperativas de consumo entre trabalhadores, por meio das quais podiam negociar um preço melhor para os produtos e dividir entre si os lucros gerados. Mas o mais importante e o que chamava a atenção de Potter Webb era o processo coletivo e democrático na tomada de decisões. Para ela, o cooperativismo permitia superar as formas de competitividade individuais impostas pelo capitalismo industrial no fornecimento de bens de consumo, a partir da negociação coletiva (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019).

Durante os anos de 1892 a 1943, encontramos um extenso e intenso trabalho sociológico que realizou junto com Sidney Webb em relação a três grandes linhas de trabalho: os estudos em relação à história dos governos locais com a finalidade de entender melhor as formas de organização coletiva; a análise das causas da pobreza e a proposta de um sistema universal de proteção; e, por último, o estudo dos métodos de pesquisa social. Referimo-nos aos seguintes livros: *The History of Trade Unionism* (1894); *Industrial Democracy* (1897); *Problems of Modern Industry* (1898); *The History of Liquor Licensing in England* (1903); *The Parish and the County* (1906); *The Manor and the Borough* (1908); *Minority Report of the Royal Commission on the Poor Law* (1909); *The Story of the King's Highway* (1913); *The Prevention of Destitution* (1920); *Statutory Authorities for Special Purposes* (1922); *English Prisons under Local Government* (1922); *The Decay of Capitalist Civilization* (1923); *English Poor Law History: The Old Poor Law* (1927); *English Poor Law History: The Last Hundred Years* (1929); *Methods of Social Study* (1932); e *Soviet Communism: A New Civilization* (1937).

No entanto, nessa época, também encontramos alguns trabalhos que realizou sozinha e publicou na Sociedade Fabiana e no *New Stateman*, a saber: *Women and the Factory Acts* (1896); *The Awakening of Women* (1913);¹² *The Abolition of the Poor Law* (1918); *Wages of Men and Women: Should they be Equal?* (1919); *My Apprenticeship*

(1926); e *A new Reform Bill* (1931).¹³ Nesse ponto, cabe assinalar que, logo após casar-se com Webb, a autoria das reedições de seus escritos sozinha aparece registrada da seguinte maneira: “Beatrice Potter (Sra. Sidney Webb)”. Enquanto isso, nos escritos publicados pela Sociedade Fabiana, seu nome não aparece diretamente, senão apenas “Sra. Sidney Webb”. Assim, vemos como seu próprio nome desaparece da autoria de seus escritos e ressalta-se seu sobrenome de casada.

A partir da publicação, em 1909, do *Minority Report of the Royal Commission on the Poor Law*,¹⁴ os Webb tornaram-se figuras de notoriedade pública, especialmente Beatrice, que foi uma figura central em torno aos debates sobre a pobreza naqueles anos. Nesse relatório, exigiam a abolição da *Lei dos Pobres* e propunham um sistema universal de salários mínimos e de seguros para a proteção da infância, da velhice, do desemprego e da enfermidade física e mental. Beatrice Webb foi uma das integrantes da Comissão e liderava o Relatório da Minoria, enquanto o Relatório Majoritário era liderado por Winston Churchill, do Partido Liberal.

O principal ponto de debate entre ambos os relatórios da Comissão residia na sua forma de conceber a pobreza. Por um lado, aqueles que apoiavam o Relatório Majoritário viam a pobreza como um problema moral, enquanto que, para Beatrice, a pobreza e o desemprego tinham sua origem na estrutura da economia (WARD, 2011), ou seja, tratava-se de um problema social. Embora não tenha sido aprovado, seu relatório serviu como documento base para o *Relatório Beveridge sobre Seguro Social e Serviços Aliados* de 1942, que deu lugar à formação do Estado de Bem-Estar Social na Grã-Bretanha.

Olhando mais de perto: temas e contribuições

A contribuição de Beatrice Potter Webb para a Sociologia é inegável, e é extremamente necessário que seu pensamento e produção escrita sejam parte da formação de graduação de estudantes do curso de Sociologia. Podemos agrupar suas

11 O livro foi traduzido em 12 idiomas, como apontaram Lengermann e Niebrugge (2019).

12 Aqui Beatrice conecta o movimento de mulheres com o movimento operário, ambos como lutas contra uma mesma opressão, a do sistema de estratificação capitalista (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019).

13 Postumamente, publicaram-se *Our Partnership* (1948) e *Os Diários de Beatrice Webb* (2000), pela London School of Economics (LSE).

14 Para uma análise detalhada deste relatório e da participação dos Webb no debate parlamentar, ver Ward (2011).

principais contribuições em torno de três grandes temas, como delineamos ao longo do capítulo: o trabalho, a pobreza e os métodos sociológicos.

Em primeiro lugar, destacam-se seus estudos sobre o trabalho na sociedade moderna. Suas investigações sobre as condições de trabalho e de vida das classes trabalhadoras ou, como ela dizia, das classes que recebem ordens, são imprescindíveis. Algumas das problemáticas que podemos encontrar em suas análises referem-se à modalidade do trabalho e exploração, às qualificações do trabalhador, ao trabalho das mulheres, ao desemprego e às experiências de cooperativismo e sindicalismo.

Naquele momento, suas próprias colegas mulheres reconheciam a importância das contribuições de Beatrice Webb para a Sociologia e para o conhecimento em geral. Assim, por exemplo, Marianne Weber (1870-1954), em 1904, destacava a importância de seu trabalho como mulher cientista no campo das ciências sociais: “Já são conhecidos os trabalhos específicos e valiosos sobre o cooperativismo e as federações sindicalistas da senhora Webb” (WEBER, 2007, p. 74), apreciação que contém uma extensa nota de rodapé com uma pequena biografia da nossa autora, cujo trecho citamos acima. Na mesma linha, Alexandra Kollontai (1872-1952) também apontava suas contribuições para o estudo do sindicalismo e, em especial, para a análise que, tanto Beatrice, quanto seu companheiro, Sidney, haviam feito da obra de Robert Owen.¹⁵

Além de ser uma das sociólogas fundadoras do pensamento sociológico clássico, Beatrice Potter Webb contribuiu para a formação de uma Sociologia específica, a Sociologia do Trabalho, da qual é considerada fundadora, tendo realizado pesquisas importantes sobre as condições de trabalho das mulheres (CASTILLO, 1999; 2001). Seu contato com as ideias socialistas contribuiu para que questionasse seus privilégios de classe, reconhecendo a existência de dois tipos de classes sociais: quem dá as ordens e quem as recebe. Por isso, dedicou sua vida a trabalhar para melhorar as condições de vida das pessoas que recebiam ordens. Por outro lado, também era consciente da sua desvantagem de gênero em relação a outros homens que pertenciam à mesma classe social (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019).

Nesse sentido, a segunda contribuição específica de Potter Webb para a Sociologia são seus estudos detalhados sobre a pobreza, suas teorizações acerca

de seu caráter estrutural e sua proposta de reforma social. Como já mencionado anteriormente, Webb considerava que a pobreza não era um fenômeno natural, nem um produto das decisões individuais, senão que suas causas eram sociais e consequência direta da estrutura geral da economia e da organização social.

A autora participou ativamente dos debates em favor do fim da Lei dos Pobres, que, segundo ela, ao invés de resolver o problema, acabava por manter as pessoas em uma situação miserável. Em substituição a essa lei, e como forma de combater a pobreza, Webb propunha um sistema universal de seguros em casos de doença, velhice e desemprego, bem como uma sólida e ampla proteção das infâncias, e não somente das infâncias pobres, expandindo o princípio da política social focalizada. As políticas sociais, a seu ver, deveriam ser universais e coletivas, e, por essa razão, favoreciam e fortaleciam os processos democráticos.

Beatrice Webb representou uma referência influente e incontornável para as sociólogas da Escola de Chicago no que diz respeito à metodologia de pesquisa sociológica (LENGERMANN; NIEBRUGGE, 2019). Uma das contribuições mais importantes de Beatrice foi o desenvolvimento de um método de pesquisa social que envolvia um determinado olhar sobre o que é a sociedade, o que é a Sociologia e qual deve ser o papel do sociólogo na sociedade. Nesse sentido, o seguinte fragmento do texto que escreveu com Sidney Webb, em 1898, é pertinente:

Para começar, o estudante deve colocar-se de forma decidida à disposição de descobrir, não a resposta definitiva para o problema prático que o tenha provocado a pesquisar, mas a estrutura e função efetiva da organização na qual está interessado. Deste modo, sua primeira tarefa é observar e dissecar os fatos, comparando o maior número possível de exemplares e registrando de forma precisa todas as suas semelhanças e diferenças, quer pareçam significativas ou não. Isso não quer dizer que o observador científico deva começar com um pensamento livre de ideias preconcebidas quanto à classificação e ordenação. Se uma pessoa assim existisse, não seria capaz, de modo algum, de fazer qualquer observação (POTTER WEBB; WEBB, 2008, p. 1).

Deste modo, a primeira tarefa da Sociologia não consistiria em buscar solucionar o problema a ser investigado, senão em descobrir sua estrutura e funcionamento. Para isso, o primeiro passo seria a observação dos fatos. É interessante notar que, diferente do que propôs Émile Durkheim (1858-1917) em *As regras do Método Sociológico* (1895), em que o sociólogo francês defende a eliminação das pré-noções do processo investigativo, a abordagem de Webb aponta justamente para a impossibilidade de fazê-lo, atenta às limitações inerentes às tarefas de pesquisa e observação. A questão do caráter científico das observações e generalizações responde, por

¹⁵ Apesar de pensadoras como Alexandra Kollontai ou Rosa Luxemburgo (1871-1919) questionarem todo socialismo não revolucionário, reconheciam em Beatrice a importância de suas contribuições para a discussão sobre o sindicalismo.

um lado, ao trabalho coletivo – o trabalho de grupo – e, por outro, à sustentação, durante o processo, de métodos que identificam e descrevem a Sociologia, a saber, a documentação, a observação pessoal e a entrevista:

Por meio da execução desses métodos de observação e verificação, qualquer estudioso inteligente, trabalhador e escrupuloso, ou grupo de estudiosos dedicados a partes definidas e limitadas de uma organização social, produzirá monografias de valor científico. [...] Somente por esses meios, seja na sociologia ou em outra esfera da pesquisa humana, o gênero humano poderá ter posse desse corpo de conhecimento organizado que se denomina ciência. [...] Para além do interesse do cientista, ávido por satisfazer sua curiosidade sobre cada parte do universo, o conhecimento dos fatos e das leis sociais é indispensável para qualquer ação humana inteligente e deliberada (POTTER WEBB; WEBB, 2008, p. 4-5).

Nesse sentido, Beatrice Potter Webb ressaltou a centralidade da utilização e da execução correta de métodos específicos para a realização de estudos científicos sobre a sociedade. Se a sociedade é produto da intervenção humana, e não algo natural ou produto das decisões individuais, cabe, portanto, aos sociólogos e à Sociologia fornecer os conhecimentos para o desenvolvimento civilizatório,

[...] porque, embora alguma sociedade humana possa se estabelecer sobre o instinto, a civilização depende do conhecimento organizado sobre fatos sociológicos e sobre a conexão entre eles. E este conhecimento deve estar suficientemente generalizado para que possa ser difundido (POTTER WEBB; WEBB, 2008, p. 5).

A atualidade da autora

A atualidade da obra de Beatrice Potter Webb faz com que seu estudo seja muito proveitoso na graduação e em cursos de Sociologia. Em primeiro lugar, devido à extraordinária atualidade dos seus grandes eixos de estudo: o trabalho e a pobreza. Ambos os problemas sociais são relevantes em nossa região latino-americana. Como sabemos, após os processos de privatização da seguridade social que ocorreram durante a década de 1980, no Hemisfério Norte, e durante os anos 1990, no Hemisfério Sul, os sistemas universais de seguridade social entraram em crise como política estatal. Essa situação gerou uma disparidade entre ricos e pobres que pode ser lida hoje à luz dos trabalhos de Beatrice, uma vez que a ausência sustentada de políticas sociais visibiliza as razões sociais e estruturais do problema. Na Argentina, por exemplo,

foi registrado no primeiro semestre de 2020 que 40,9% da população se encontra na pobreza, segundo dados oficiais do Instituto Nacional de Estatística e Censo (Indec).¹⁶

Além disso, como consequência das recentes políticas neoliberais em nossa região, as condições de trabalho apresentam cenários em muitos casos similares aos do fim do século XIX e início do século XX. Ainda hoje, as oficinas têxteis funcionam em condições superlotadas e muitas em situação de clandestinidade, o que agrava as já precárias situações de trabalho, como há casos, tanto na Argentina, quanto no Brasil. Assim, problemas sociais como as condições de trabalho e de vida das classes trabalhadoras, negociação coletiva, formas de cooperação operária e autogestão são questões ainda atuais na Sociologia do trabalho, e poderiam muito bem ser analisadas à luz do pensamento de Beatrice Potter Webb. Além disso, seus escritos em relação ao método sociológico possuem elementos centrais para refletirmos sobre como utilizar as diferentes técnicas de pesquisa e sobre qual é o papel do sociólogo, bem como quais precauções epistemológicas, teóricas e metodológicas devemos tomar no momento de pesquisar.

Referências

- CASTILLO, Juan José. Beatrice Webb: la sociología del trabajo entre dos siglos. *Política y Sociedad*, n. 32, p. 195-205, 1999.
- _____. Presentación. Pasión y oficio: Beatrice Webb en la fundación de la sociología. *Reis*, v. 93, n. 1, p. 183-187, 2001.
- KOLLONTAI, Alexandra. *El mujer en el desarrollo social*. Barcelona: Guadarrama, 1976.
- LENGERMANN, Patricia; NIEBRUGGE, Gillian. *Fundadoras de la sociología y la teoría social 1830-1930*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2019.
- NORD, Deborah Epstein. *The apprenticeship of Beatrice Webb*. London: Palgrave MacMillan Press, 1985.
- NYLAND, Chris. Beatrice Webb as feminist. *Labour & Industry*, v. 6, n. 2, p. 67-68, 1995.
- POTTER, Beatrice. Pages from a working girl's diary. *Nineteenth Century*, v. 24, n. 139, 1888.
- _____. *Co-operative movement in Great Britain*. London: Swan Sonnenschein & co., 1891.

¹⁶ Disponível em: https://www.indec.gov.ar/ftp/infografias/infografia_eph_pobreza_01_20.jpg. Acesso em: 14 dez. 2020.

POTTER WEBB, Beatrice. *My apprenticeship*. London: Longmans, Green and Co., 1926.

_____. *Our partnership*. London: Longmans, Green and Co., 1948.

_____. Diário de una investigadora. *Reis*, v. 93, n. 1, p. 189-201, 2001.

POTTER WEBB, Beatrice; WEBB, Sidney. Cómo se hace una investigación social. *Trabajo y Sociedad*, v. IX, n. 10, p. 1-6, 2008.

RAMOS GOROSTIZA, José Luis. Beatrice Webb y el socialismo fabiano. *Documentos de trabajo de la Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales*, n. 13, p. 1-19, 2001.

WARD, Michael. *Beatrice Webb: her quest for a fairer society, a hundred years of the minority report*. London: The Smith Institute, 2011.

WEBB, Sidney; POTTER WEBB, Beatrice. *Problems of modern industry*. London: Longmans, Green and Co., 1898.

WEBER, Marianne. La participación de la mujer en la ciencia. In: WEBER, Marianne. *La mujer y la cultura moderna: tres ensayos*. Calí: Archivos del Índice, 2007, p. 60-79.

Capítulo 12

Josephina Álvares de Azevedo

Laila Thaís Correa e Silva

A vida

A escritora e feminista Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913), também conhecida por Zefa, como assinava alguns de seus artigos jornalísticos, nasceu no Recife, em 9 de maio de 1851 e faleceu em 2 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro. Os detalhes sobre sua origem, assim como o nome de seus pais, ainda não foram descobertos pelas pesquisas até então realizadas, como aponta Souto-Maior (2001). Por muito tempo, e sem qualquer respaldo documental – já que não se tem notícias de seus registros de nascimento, casamento ou óbito –, Josephina Álvares de Azevedo foi considerada irmã do poeta romântico Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852). A informação de que Josephina Azevedo era irmã, por parte de pai, do poeta Álvares de Azevedo, originou-se provavelmente do clássico *Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake*, que dizia ser a escritora filha de Inácio Manuel Álvares de Azevedo, pai do poeta romântico, e nascida em 5 de março, na cidade de Itaboraí, Rio de Janeiro (BLAKE, 1970, p. 237-238).